



Vol. 25, nº 02 (2023)

DOI: 10.30681/issn22379304v25n02/2023p91-109

## CONSTRUÇÃO, DESCONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO EM BUSCA DE SIGNIFICADOS, NA FÁBULA “A CIGARRA E A FORMIGA” NAS VERSÕES DE ESOP, LA FONTAINE E MONTEIRO LOBATO

### CONSTRUCTION, DECONSTRUCTION AND RECONSTRUCTION IN SEARCH OF MEANINGS, IN THE FABLE “A CIGARRA E A ANT” IN THE VERSIONS OF AESOP, LA FONTAINE AND MONTEIRO LOBATO

Sandra Regina Medeiros Oliveira<sup>1</sup>

**Recebimento do Texto:** 24/08/2023

**Data de Aceite:** 22/09/2023

**RESUMO:** A presente pesquisa teve por objetivo analisar como a história (fábulas) é vista na sociedade atual e como os valores atribuídos ao trabalho e à arte mudaram conforme o contexto histórico e social a partir da fábula a cigarra e a formiga, além de analisar a construção, desconstrução e reconstrução dessa fábula por meio das versões de Esopo, La Fontaine e Monteiro Lobato. A pesquisa em voga se caracteriza como bibliográfica, de abordagem qualitativa, natureza básica e caráter exploratório. Para o desenvolvimento da pesquisa bibliográfica utilizou-se livros e textos da literatura brasileira. Para análise dos dados utilizou-se a análise de conteúdo. Como resultados verifica-se que as fábulas possuem relação com o contexto social e que na medida que o tempo passa ela é vista de um ponto de vista diferente, ou seja, são feitas construções, desconstruções e reconstrução de uma mesma história. Evidencia-se aqui também, a importância da contextualização das obras literárias, assim como da função da literatura de trazer à tona discussões sociais, a qual reflete valores morais e éticos de diferentes épocas e culturas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Artes. A cigarra e a formiga. Fábulas. Gênero textual. Literatura.

**ABSTRACT:** This research aimed to analyze how history (fables) is seen in today's society and how the values attributed to work and art have changed according to the historical and social context from the fable the grasshopper and the ant, in addition to analyzing the construction, deconstruction and reconstruction of this fable through the versions of Aesop, La Fontaine and Monteiro Lobato. The research in vogue is characterized as bibliographical, with a qualitative approach, basic nature and exploratory character. For the development of bibliographical research, books and texts of Brazilian literature were used. For data analysis, content analysis was used. As a result, it is verified that the fables are related to the social context and that, as time goes by, it is seen from a different point of view, that is, constructions, deconstructions and reconstructions of the same story are made. It is also evident here, the importance of contextualizing literary works, as well as the function of literature to bring up social discussions, which reflects moral and ethical values of different times and cultures.

**KEYWORDS:** Art. The grasshopper and the ant. Fables. Textual genre. Literature.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos Literários, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus de Tangará da Serra – MT, Brasil, sandra.regina@unemat.br



## Introdução

As fábulas como objeto de ensino, podem ajudar a minimizar as dificuldades enfrentadas pelos alunos através da leitura e da escrita, capaz de suscitar o interesse da criança pelo assunto através do lúdico e da capacidade de pensar usando situações e contextos variados. Contribui para a ampliação de conhecimento e desenvolvimento que requer estímulo e admiração, podendo também através do mesmo, trabalhar a construção de sentido para atuar no meio social. Sendo assim, Soares (2004), cita a necessidade de entendimento por parte dos profissionais da educação de que não basta apenas colocar o aluno sentado e o fazer compreender que precisa de leitura e escrita, é preciso proporcionar-lhe a aquisição de competências, mostrar que são capazes de fazerem algo através da especificidade de cada um, envolvendo-o em práticas sociais de leitura e escrita que chamamos de letramento.

A fábula é muito presente nas séries iniciais, pois este gênero propicia nos alunos a capacidade de imaginar os personagens, o lugar e o tempo onde se passa a história. O processo de ler é primordial nas séries iniciais, pois ajuda na construção do conceito lógico, na capacidade de observação e no raciocínio. Bem como, no desenvolvimento de habilidades leitoras e interpretativas. De acordo com Lobato (2011):

os fabulistas coletam histórias contadas pelo povo e criam situações incomuns para discutir questões do mundo e da vida. Nesses casos, os animais ganham emoções e voz, interagindo com as pessoas como se fossem seres humanos (LOBATO, 2011, p. 9).

A narrativa escolhida para desenvolver a proposta deste artigo foi a fábula “A cigarra e a formiga”. Essa fábula pode ser considerada um viés



para compreendermos como a representação social é dada na sociedade contemporânea e como os modos de subjetivação são tratados diretamente.

Contudo, é necessário considerarmos que ao longo do tempo, várias recriações da narrativa contribuíram para mudanças em suas significações. Essas inversões de sentido levam a questionar quais fatores as provocaram e quais condições sócio-históricas permitiram seu surgimento.

Sendo assim, a presente pesquisa teve por objetivo analisar como a história (fábulas) é vista na sociedade atual e como os valores atribuídos ao trabalho e à arte mudaram conforme o contexto histórico e social a partir da fábula a cigarra e a formiga, além de analisar a construção, desconstrução e reconstrução dessa fábula por meio das versões de Esopo, La Fontaine e Monteiro Lobato.

Para tanto, as perguntas que norteiam essa pesquisa se constituem em: Como a história (fábulas) é vista na sociedade atual e como os valores atribuídos ao trabalho e à arte mudaram conforme o contexto histórico e social (a partir da fábula a cigarra e a formiga)? Quais as diferentes versões (construção, desconstrução e reconstrução) da fábula a cigarra criadas pelos autores Esopo, La Fontaine e Monteiro Lobato?

## **1 Referencial teórico**

As fábulas possuem uma longa história, é um gênero de raízes orais e primitivas, diversos estudiosos no assunto afirmam que ela esteve presente nos estágios iniciais das mais diferentes civilizações. Em seus primórdios ela existia apenas para um contexto específico, fazendo parte especialmente da épica e da comédia, e muitas vezes era confundida com provérbios (SOUZA, 2013).



Todavia, o contato dos gregos com a fábula é anterior a Esopo. Por volta do século VIII a. C., Hesíodo compôs a obra "os trabalhos e os dias", onde relata a primeira fábula grega de que se tem conhecimento, chamada de "O falcão e o rouxinol". Há também fábulas de Estesícoro, Heródoto, Simônides, Arquíloco, Aristófanes e outros. Por fim, estando "a fábula já estabelecida como gênero, surgem, os primeiros textos críticos" (SOUZA, 2013, p. 31).

Com o passar do tempo, "impulsionada principalmente pelo fenômeno da prosa de Esopo (VI a. C.) na Grécia, a fábula ganha vida própria e conquista a estatura de gênero literário. Por essa razão, ela se universaliza, podendo integrar-se às mais diversas situações discursivas e aos mais diversos contextos" (SOUZA, 2013, p. 15). Ou seja, há alguns anos as fábulas e Monteiro Lobato eram pouco estudados, somente a partir da década de 1990 que trabalhos sobre esse assunto começaram a ser desenvolvidos e se torna um campo bastante profícuo. Na primeira década de 2000 houve assim um aumento significativo de trabalhos envolvendo fábula e Monteiro Lobato (SOUZA, 2013).

Desse modo, pode-se afirmar que a revolução de Lobato na Literatura para crianças começa com a fábula e sua importância em estudos recentes mostram que a sua relevância chega a transcender os limites da ficção e um dos gêneros de maior presença (SOUZA, 2013).

A presença de animais na fábula está a serviço da imagem intuitivo desse gênero e do reconhecimento intuitivo da proposição moral. Trata-se de uma propriedade acidental da fábula, e se tornou imprescindível por meio do uso constante e que traz facilidade de compreensão para o maior número de pessoas leitoras (SOUZA, 2013).



Sobre o conceito de fábula, Para Lessing a mesma é entendida como a narração de um acontecimento ficcional que deve ser representando como real. Já para Grimm a fábula era a expressão dos sentimentos mais profundos da alma do povo. Para Esopo fábula é uma narrativa breve produzida com uma finalidade ética, cuja ação é desenvolvida por personagens tipificadas. Para Chambry a fábula é derivada do conto. Para Perry a fábula é uma história, escrita ou oral de uma mente individual. Para La Fontaine a fábula é uma pintura e que cada um pode encontrar o seu retrato. Para Nøjgaard a fábula é um relato ficcional de personagens mecanicamente alegóricos com uma ação moral de avaliação. Para Adrados a fábula é um gênero aberto, que apresenta inúmeras variantes, possuindo inúmeros elementos. Porém, a denominação do gênero fábula só se define ao longo dos anos (SOUZA, 2013). Reafirma-se que ela está entre as primeiras manifestações artísticas e literárias que o homem produziu.

Noutro enfoque reforça-se que a fábula como já descrito acima é um gênero literário, falando nesse momento sobre a Literatura o autor Derrida exprime que a literatura e a filosofia estão intrinsecamente ligadas. Ele acreditava que a literatura é uma forma de pensar, assim como a filosofia (EYBEN, 2020).

Em resumo, para Derrida, a literatura é uma forma de pensar e explorar questões filosóficas. Ele usou a literatura para exemplificar suas ideias sobre linguagem, significado e realidade, mostrando como a literatura pode ser usada para desconstruir conceitos e revelar novas perspectivas. Em sua obra, ele explorou a intersecção entre essas duas disciplinas e mostrou como elas podem se complementar. Derrida desenvolveu a desconstrução como um método filosófico-literário para analisar textos e revelar suas contradições e pressupostos ocultos. Ele argumentou que a linguagem é



fundamentalmente instável e que o significado de uma palavra ou texto é sempre contingente e dependente do contexto. Derrida também criticou a ideia de que a linguagem pode ser completamente transparente e objetiva, argumentando que sempre há uma margem de interpretação e ambiguidade (EYBEN, 2020).

Derrida sempre se interessou pela Literatura, onde chegou a dizer que seu interesse mais constante antes mesmo do interesse filosófico se dirigia para a literatura, para a escrita dita literária. Mas apesar de todo seu apreço pela literatura, Derrida se considerava mesmo um filósofo, e não um literato. A literatura é pensada por Derrida como acontecimento e singularidade. Desse modo a literatura se define como o direito de dizer tudo que não chega a se apagar, ela porta um testemunho singular e universalizável do acontecimento que ela arquiva no seu texto (NASCIMENTO, 2019).

Portanto, o texto literário é singular no sentido que ele marca o excepcional acontecimento de uma insubstituível data, assinatura ou inscrição. De acordo com Derrida o acontecimento só se torna possível pela possibilidade literária do retrair, sua “readaptabilidade ou iterabilidade, a qual é seu potencial transformativo. Literatura faz um traço diferencial, diferente dele mesmo e junto dele mesmo, e desse modo promete ou chama por um futuro, esse é um importante ponto de contato da literatura com a desconstrução” (NETO, 2014, p.139-140).

Para finalizar as discussões deste tópico, debate-se em relação as obras literárias pós-modernas. As mesmas têm em comum o desejo de questionar a natureza da linguagem, do fechamento narrativo, da representação, bem como do contexto e das condições de sua própria produção e recepção. Além disso, o pós-modernismo questiona conceitos



inter-relacionados associados ao humanismo liberal, como autonomia, transcendência, certeza, autoridade, unidade, totalização, sistema, universalização, centro, continuidade, teleologia, fechamento, hierarquia, homogeneidade, exclusividade e origem. Portanto, as principais características do pós-modernismo na literatura incluem a desconstrução de conceitos e estruturas tradicionais, a experimentação com a linguagem e a forma narrativa, e a reflexão sobre o contexto social e histórico em que a obra é produzida e recebida (HUTCEHON, 1991).

## 2 Metodologia

A presente pesquisa pode ser caracterizada como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, natureza básica e caráter exploratório.

Sobre a pesquisa bibliográfica ela se trata de uma investigação realizada por meio de material já elaborado, como livros, artigos e outros textos já publicados. É um estudo predominantemente teórico, busca-se especialmente desvendar conceitos, ideias e características de um objeto (GIL, 2008).

Analogamente para Prodanov e Freitas (2013) esse tipo de pesquisa é:

elaborado a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54).



No que tange a abordagem qualitativa, a mesma envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto final (GIL, 2008).

Para Minayo (2011) a pesquisa qualitativa corresponde a questões particulares e se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado por números. Trabalha com o universo de aspirações, valores, crenças e atitudes que corresponde um espaço profundo dos fenômenos, por não poderem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A respeito da pesquisa básica, esta tem como objetivo gerar conhecimento que seja útil para a ciência e tecnologia, sem necessariamente haver uma aplicação prática ou para obtenção de lucro. A pesquisa básica deve ser motivada pela curiosidade e suas descobertas devem ser divulgadas para toda a comunidade, possibilitando assim a transmissão e debate do conhecimento (GIL, 2008).

Em relação ao caráter exploratório, esse tipo de pesquisa visa proporcionar maior familiaridade com o problema de pesquisa (explicitá-lo). Pode envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado. Geralmente, assume a forma de pesquisa bibliográfica (caso deste estudo) e estudo de caso (GIL, 2008).

Para a coleta de dados utilizou-se alguns materiais já elaborados e publicados, entre eles: a fábula “A cigarra e a formiga” nas versões de Esopo, Lá Fontaine e Monteiro Lobato; O livro “Rastros do Impensando: a desconstrução”, de Piero Eybon; O livro “Derrida e a Literatura: Notas de literatura e filosofia nos textos da desconstrução”, de Evandro Nascimento; O livro “Poética no Pós-Modernismo”, de Linda Hutcheon. O livro “Nas





raias de um gênero: a fábula e o efeito fábula na obra infantil”, de Monteiro Lobato, entre outros trabalhos da literatura brasileira.

Destaca-se que as leituras e fichamentos das obras utilizadas para essa pesquisa de caráter bibliográfico, além da escrita e momentos de estudo para a elaboração deste estudo perdurou os meses de junho a julho do ano de 2023.

Para a análise dos dados coletados recorreu-se a análise de conteúdo de Laurence Bardin, na qual se mostrou a mais adequada para o contexto em questão. De acordo com Bardin (2016, p. 01) a interpretação dos dados coletados é a principal etapa de uma pesquisa, e “é justamente esse o papel da análise de conteúdo - metodologia de grande importância para as ciências da comunicação, desenvolvida nos Estados Unidos no início do século XX”.

Ainda para o autor, a análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos, que se aplicam a discursos diversificados, desde cálculos com dados cifrados a extração de estrutura traduzível em modelos. Sua finalidade é a descrição sistemática do conteúdo manifesto da comunicação. Em síntese, é uma técnica investigativa que busca conhecer, compreender e revelar a mensagem recebida e seus significados (BARDIN, 2016).

### **3 Resultados e discussões**

Neste tópico apresenta-se os resultados da pesquisa, que está dividida em dois subtópicos (descritos adiante), onde é trazido uma análise da história a cigarra e a formiga de Monteiro Lobato e depois um olhar



direcionado a sua função e representividade na sociedade conforme objetivo proposto.

### **3.1 Análise da história a cigarra e a formiga de Monteiro Lobato**

A partir da história “A cigarra e a formiga” de Monteiro Lobato, podemos entender como as fábulas representam o que ocorrem na sociedade contemporânea e como os modos de subjetivação são tratados diretamente. Em outras palavras, a história nos ajuda a compreender como as pessoas são vistas e julgadas pela sociedade e como elas formam suas próprias identidades. Isso é feito através da interação entre os personagens da cigarra e da formiga e suas diferentes formas de viver e ver o mundo. Esse gênero textual sempre foi uma forma de representar a sociedade e as relações sociais através de metáforas e personagens alegóricos, tendo como finalidade expor uma moral da história e trazer algum ensinamento e reflexão que possa contribuir para a formação do cidadão.

Na referida fábula (uma das mais conhecidas do autor), a cigarra passa todo o verão cantando e se divertindo, enquanto a formiga trabalha duro para guardar comida e mantimentos para o inverno. Quando o inverno chega, a cigarra, com frio, pede socorro à formiga (“formiga má”), mas é rejeitada sob o argumento de que ficou vadiando ao invés de trabalhar, e acaba morrendo de fome. Já na versão da “formiga boa”, a cigarra é acolhida no formigueiro, além de receber elogios sobre sua cantoria, que disse alegrar o trabalho das formigas durante o verão.

A narrativa possui estrutura composta por uma introdução (apresentação das personagens e do cenário), um desenvolvimento (conflito entre a cigarra e a formiga) e um desfecho (resolução do conflito e



apresentação da moral). O narrador é onisciente, que sabe tudo sobre as personagens e os acontecimentos, e que se dirige ao leitor para transmitir a lição da história. Sua linguagem conotativa, que usa figuras de linguagem como metáfora (a cigarra e a formiga representam tipos humanos), ironia (a formiga zomba da cigarra) e antítese (o contraste entre o verão e o inverno, o trabalho e o lazer, a fome e a fartura). Tem uma relação com o contexto sócio-histórico em que foi produzida e recebida, pois reflete valores morais e éticos de diferentes épocas e culturas.

De acordo com Souza (2013) reforça-se que a fábula é uma adaptação crítica da narrativa original de Esopo, um autor grego do século VI a. C., fabulista escravo, que foi eternizado pela sua coletânea de fábulas que passaram a integrar a tradição popular oral. Que contrapõe dois personagens antagônicos: a cigarra preguiçosa e a formiga trabalhador. No verão, a cigarra canta sem se preocupar com o futuro, enquanto a formiga guarda comida para o inverno. No inverno, a cigarra pede ajuda à formiga, que lhe cobra um preço alto por sua imprudência. Segundo La Fontaine poeta e fabulista francês, do século XVII descreve. “Enquanto nós trabalhávamos duro, você só pensava em se divertir. Pois agora: boa diversão! E bateu a porta na cara da cigarra.” (2004, p. 13).

A moral da história para Esopo, reescrita por La Fontaine é que os preguiçosos recebem o que merecem, e que é preciso trabalhar para garantir o futuro. Sobre isso, Candido salienta.

O trabalho pesado, cansativo e diurno é uma forma de integração social que permite ao homem sentir-se parte de uma comunidade e de uma ordem maior do que ele mesmo. É também uma forma de resistência à mudança, que o mantém preso aos ritmos tradicionais e aos valores antigos. Mas é sobretudo uma forma de alienação, que o impede de perceber a sua situação real e de lutar por melhores condições de vida (CANDIDO, 1964, p. 247).



Ou seja, na versão da “formiga má” de Monteiro Lobato e no original de Esopo, se a história for analisada pelas lentes do conservadorismo e do moralismo (ou do capitalismo), dir-se-ia que a cigarra tão somente colheu os frutos do que (não) plantou, já que passou toda a estação anterior cantarolando, enquanto deveria estar trabalhando arduamente para quando o frio batesse à sua porta. Sob tal perspectiva, há uma valorização excessiva do trabalho e do sacrifício em detrimento da arte e do lazer.

Isso porque, a cigarra canta e se diverte no verão enquanto a formiga trabalha para guardar comida para o inverno. Com isso, tem-se a ideia de que a formiga segue uma ética de responsabilidade e planejamento enquanto a cigarra vive o presente sem preocupação. A cigarra é individualista enquanto a formiga é coletivista e compartilha seus recursos com suas companheiras.

Diante do exposto, evidencia-se que a moral das fábulas (não só da fábula aqui analisada) trazem ensinamento valiosos, pois ao escutar/estudar uma história como a das fábulas o indivíduo aprende uma lição que promove reflexão em seu cotidiano.

### **3.2 A valorização exacerbada do trabalho e a subjugação da arte a partir da fábula a cigarra e a formiga**

Desde o surgimento da burguesia e do capitalismo, especialmente com as grandes revoluções industriais, a atividade laboral passou a desempenhar um papel importante na forma como os indivíduos se constituem como sujeitos de saberes, poderes e ações morais. O trabalho



não era visto apenas como uma forma de subsistência, mas de valoração pessoal e validação social.

No entanto, ao longo do tempo, a partir de mudanças sociais e econômicas, as histórias passam a ter novas narrativas, com ressignificações. É interessante observar como a história é vista na sociedade atual e como os valores atribuídos ao trabalho e à arte mudaram.

Tal mudança e reconstrução da narrativa é o que propõe Lobato em sua adaptação de “A Cigarra e a Formiga”, inserindo também os personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo como comentadores da fábula, dando-lhe um tom mais humorístico e crítico. O autor reflete igualmente sobre o contexto histórico e social do Brasil do século XX, marcado pelo capitalismo:

A cigarra ali morreu entanguidinha; e quando voltou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste. É que faltava na música do mundo o som estridente daquela cigarra morta por causa da avareza da formiga. Mas se a usurária morresse, quem daria pela falta dela? (LOBATO, 2011, p. 13).

Sendo assim, as produções de Lobato pertencem a um momento posterior ao de Esopo, no qual a arte passa a ter maior valor e vem a se tornar, mais à frente, bem de consumo. Desse modo, nada impede que o artista possa viver de suas obras, que não possui qualquer demérito se comprado ao trabalho tido como tradicional.

Na versão brasileira, a cigarra é uma jovem que tem o costume de chiar ao pé de um formigueiro e observar as formigas trabalhando para abastecer suas tulhas. Quando chegam as chuvas, a cigarra pede ajuda às formigas e é recebida com hospitalidade.

O autor esclarece o sentido da crítica dialética, que analisa como o elemento externo, social, ao lado do psicológico e do linguístico,



dialeticamente, integram-se como forma artística, constituindo a estrutura das obras. Isso significa que a obra literária não é apenas um reflexo passivo da sociedade em que foi produzida, mas sim um produto ativo que é moldado pelas condições sociais e, ao mesmo tempo, contribui para moldá-las.

Por tal razão Otsuka (2018, p. 15) afirma que música popular, como forma de arte, tal qual a literatura, “é uma forma de arte que dialoga com as transformações sociais e culturais do seu tempo, e que pode ser tanto um instrumento de resistência quanto de reprodução das ideologias dominantes.”

Ainda, em vários escritos Antônio Candido (1970), analisa a obra de arte como uma estrutura interna que incorpora elementos externos (sociais, psicológicos, linguísticos) de forma dinâmica e coerente. Em seu ensaio "Dialética da Malandragem", ele compara as diferentes visões de mundo e valores sociais.

Segundo Candido (1970, p. 217) a fábula revela aspectos importantes da formação do Brasil, como a oposição entre o trabalho e o lazer, a ética do esforço e da previdência, a valorização da natureza e da cultura, e a tensão entre o individualismo e o coletivismo. Isso fica claro no seguinte trecho da fábula da formiga má de Lobato.

A cigarra, como de costume, havia cantado sem parar o estio inteiro, e o inverno veio encontrá-la desprovida de tudo, sem casa onde se abrigar, nem folhinhas que comesse. Desesperada, bateu à porta da formiga e implorou – emprestado, notem! – uns miseráveis restos de comida. Pagaria com juros altos aquela comida de empréstimo, logo que o tempo o permitisse. Mas a formiga era uma usurária sem entranhas. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra por vê-la querida de todos os seres (LOBATO, 2011 p. 13).



Assim, a literatura pode representar valores sociais relacionados ao trabalho e à responsabilidade, que são transmitidos através da história para moldar o comportamento dos indivíduos na sociedade. Segundo Candido (1989):

o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade a medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1989, p. 117).

No caso da fábula “A cigarra e a formiga”, Lobato critica a sociedade que valoriza demasiadamente o trabalho e somente uma área do conhecimento, enquanto a arte, em suas diversas formas, é subjugada e marginalizada, voltada somente àqueles que não possuem rumo, objetivos ou valores.

Nesse sentido, a cigarra seria uma representante dos artistas, dos sonhadores, dos rebeldes, que não se enquadram no sistema produtivo e são marginalizados. Já a formiga seria uma representante dos trabalhadores, dos conformistas, dos obedientes, que seguem as regras e são recompensados.

A moral da história é que os artistas são as cigarras da humanidade. Na versão de Monteiro Lobato, a formiga é retratada de maneira mais positiva do que em outras versões da fábula, como a de Esopo e La Fontaine.

Apesar de em ambos os textos a formiga ser descrita como uma trabalhadora incansável que junta provimentos durante os períodos de fartura para ter o que comer nos momentos difíceis, a formiga de Esopo não



dá valor ao canto da cigarra e é individualista, avara e insensível, ao contrário da “formiga boa” de Lobato, que aprecia o canto da cigarra e o valoriza como um tipo de trabalho. Ela é amiga, sensível e benévola, estendendo a mão para a cigarra e cuidando dela com generosidade.

A cigarra expressa a sua cultura através da música e da arte, aproveitando a beleza da natureza no verão. A formiga valoriza a natureza como fonte de alimento e de sobrevivência, usando a sua cultura para organizar o seu trabalho e o seu armazenamento.

### **Considerações finais**

A narrativa tem uma relação com o contexto sócio-histórico em que foi produzida e recebida, apresenta uma moral implícita ou explícita. No caso de “A cigarra e a formiga” são trazidos animais que simbolizam características humanas, que refletem valores morais e éticos de diferentes épocas e culturas.

Isso fica claro com a análise conjunta das fábulas de Esopo e Lobato, que contam a mesma história a partir de narrativas absolutamente diferentes, em que uma a arte é vista como perda de tempo e vadiagem, enquanto na outra é vista não somente como uma forma de trabalho, mas de viver.

Com isso, evidencia-se a importância da contextualização das obras literárias, assim como da função da literatura de trazer à tona discussões sociais, a qual reflete valores morais e éticos de diferentes épocas e culturas.

Verifica-se que as fábulas possuem relação com o contexto social e que na medida que o tempo passa ela é vista de um ponto de vista diferente, ou seja, são feitas construções, desconstruções e reconstrução de uma





mesma história, a exemplo da fábula a cigarra e a formiga, onde possui versões diferentes por meio de Esopo, La Fontaine e Monteiro Lobato. Na versão de Monteiro Lobato, a formiga é retratada de maneira mais positiva do que em outras versões da fábula, como a de Esopo e La Fontaine.

A esse respeito Derrida defende que a linguagem é fundamentalmente instável e que o significado de uma palavra ou texto é sempre contingente e dependente do contexto.

Por fim, este trabalho pode contribuir com futuras pesquisas que discutam a mesma temática aqui retratada e para reflexão sobre as fábulas e sua relação com o contexto social.

## Referências

A CIGARRA E A FORMIGA: a fábula de Esopo na versão brasileira. Disponível em: <http://www.viagemlenta.com/2014/01/a-formiga-eo-gafanhoto-versao.html>. Acesso em: 12 maio 2023.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO, Antônio. Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) **Direitos humanos e a Literatura**. Cjp / Ed. Brasiliense, 1989.

EYBEN, Piero. **Rastros do Impensado**: a desconstrução, a literatura. São Paulo: Horizonte, 2020.

FARENCENA, Gessélda Somavilla. Fábulas de Esopo e Millôr Fernandes: uma análise contextual. **Linguagens e Cidadania**, v. 3, n. 1, p. 1-19, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/r1> Acesso em: 04 jun. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2008. Disponível em:



Vol. 25, nº 02 (2023)

<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf> . Acesso em: 18 jul. 2023.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LA FONTAINE, Jean de. **Fables de Jean de La Fontaine**. Paris: Delalain, 1829.

LA FONTAINE, Jean de. **Fábulas de Esopo**. Adaptação de Lúcia Tulchinski. São Paulo: Scipione, 2004.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: história e histórias. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LOBATO, Monteiro. **Fábulas**. 2. ed. Editora Globo. São Paulo, 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf> . Acesso em: 20 jul. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria método e criatividade. 34. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

NASCIMENTO, Evandro. **Derrida e a Literatura**: Notas de literatura e filosofia nos textos da desconstrução. 3. ed. São Paulo: Realizações Editora, 2019.

NETO, José Olímpio. Derrida: Notas sobre literatura e desconstrução. **Ensaio Filosófico**, v. 10, p. 134-159, 2014. Disponível em: [http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo10/OLIMPIO\\_J\\_Derrida\\_notas\\_sobre\\_literatura\\_e\\_desconstrucao.pdf](http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo10/OLIMPIO_J_Derrida_notas_sobre_literatura_e_desconstrucao.pdf) . Acesso em: 19 jul. 2023.

OTSUKA, Edu Teruki. **Música popular e moderna poesia brasileira**. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2018, p. 15.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.



Vol. 25, nº 02 (2023)

SOARES, Magda. **Letramento Literário**: um tema em três gêneros. 2. ed.  
Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

SOUZA, Loide Nascimento de. **Nas raias de um gênero**: a fábula e o efeito  
fábula na obra infantil de Monteiro Lobato. São Paulo: Editora Unesp, 2013.